

Cultura viva do **Povo Ikólóéhj- Gavião**



Semana dos Povos Indígenas 2015
19 a 25 de abril

Cultura viva do

Povo Ikólóéhj-Gavião

Organização: Jandira Keppi, Cledes Markus e Lediane Fani Felzke.

Responsabilidade: ISAEC/DAI – COMIN.

Autoria dos textos: Iran Gavião, Zacarias Kapiaar Gavião, Josias Gavião, Roberto Sorobáh Gavião, Matilde Gavião, Lediane Fani Felzke, Jeferson Gavião, Sadam Gavião, Françaú Gavião, Claudemir Gavião, Isael Gavião e Ariel Xisá Úhu Gavião.

Narrativas de textos: Catarino Sebirop Gavião, Valtorino Vása Séhv Gavião e Berenice Beréka Gavião.

Autoria dos desenhos – todos do Povo Ikólóéhj-Gavião: Cristiane, Marines, Marcilene, Hilca, Neide, Andressa, Izabela, Inaya, Rosana, Sara, Sabrina, Edivan, Jaqueline, Cleire, Rosilene, Fabiana, Ranilce, Joana, Rosane, Ayehj, Enildo, Pedro, Romario, Weinezar, Tatia, Danielle, Valdelice, Keuli, Ivonete, Francisco, Vanderlei e Eula.

Autoria das fotos: Zacarias Kapiaar Gavião, Lediane Fani Felzke, Roberto Sorobáh Gavião, Josias Gavião e Alunos/as do Curso de Jornalismo do CEULJI/ULBRA.

Aldeias envolvidas: Aldeia Ingazeira, Aldeia Igarapé Lourdes, Aldeia Ikólóéhj 1, Aldeia Ikólóéhj 2, Aldeia Cascalho, Aldeia Nova Esperança, Aldeia Cacoal, Aldeia Tucumã, Aldeia Maloca Grande, Aldeia Teleron, Aldeia Zâpè Ádóh, Aldeia Enoque, Aldeia Castanheira, Aldeia José Antônio, Aldeia Final de Área e Aldeia Sol Nascente.

Elaboração didático-pedagógica: Sônia Mees, Valdemar Schulz, Jandira Keppi, Lediane Fani Felzke, Renate Gierus, Lori Altmann, Maria Dirlane Witt, Maria Eunice Jardim Schuch, Cledes Markus e Sabrina Senger.

Diagramação, capa e cartaz: Allegra Comunicação.

Fotografias: Arquivo do COMIN.

Revisão e arte-finalização: Editora Oikos.

Impressão: Portão.

Realização: COMIN em parceria com Secretaria de Formação da IECLB.

Apoio: Igreja Evangélica Luterana da Baviera (ELKB), Kirchen Helfen Kirchen/Pão para o Mundo, Evangelisches Missionswerk e Obra Missionária Evangélica Luterana na Baixa Saxônia (OMEL), da Alemanha, e Kerkinactie, da Holanda.

Tiragem: 50 mil exemplares.

ISBN: 978-85-7843-477-9

Editora Oikos Ltda. - Rua Paraná, 240 - B. Scharlau - Cx.P. 1081 - CEP 93121-970 - São Leopoldo/RS
Fone: 51. 3568.2848 • contato@oikoseditora.com.br • www.oikoseditora.com.br



Amiga e Amigo!

O caderno da Semana dos Povos Indígenas de 2015 tem como título **“Cultura viva do Povo Ikólóéhj-Gavião”**. Ele tematiza a vida, a cultura, a sabedoria, a história e os desafios do Povo Ikólóéhj-Gavião que vive no estado de Rondônia.

Como o próprio título anuncia, a cultura está muito presente no cotidiano, nas festas, nas atividades e nos momentos diversos da vida do Povo Ikólóéhj-Gavião. Neste caderno, a comunidade quer compartilhar aspectos significativos de sua cultura: a vivência comunitária e a natureza, os mitos, a língua, a importância das músicas e dos instrumentos musicais, as pinturas e os enfeites utilizados nas festas, entre outros.

Além de comunicar aspectos preciosos de sua cultura, a comunidade também compartilha suas formas tradicionais de economia e suas experiências atuais com a coleta da castanha e a confecção de artesanato como práticas ecologicamente sustentáveis.

Os saberes compartilhados pelo Povo Ikólóéhj-Gavião nos levam à reflexão. Sua sabedoria é fonte de aprendizagem para toda a sociedade nacional. Assim, este caderno nos convida para ampliar o conhecimento sobre este povo e sobre a realidade brasileira caracterizada pela pluralidade étnica e cultural.

A primeira parte do caderno é elaborada para crianças. A segunda volta-se para o público juvenil, servindo também como fonte de informações para as pessoas que irão orientar e animar as reflexões. A terceira parte traz orientações de como trabalhar de forma didática com o caderno e o cartaz. Os textos e os desenhos elaborados pelo Povo Ikólóéhj-Gavião, bem como informações complementares, podem ser encontradas no site:

www.comin.org.br



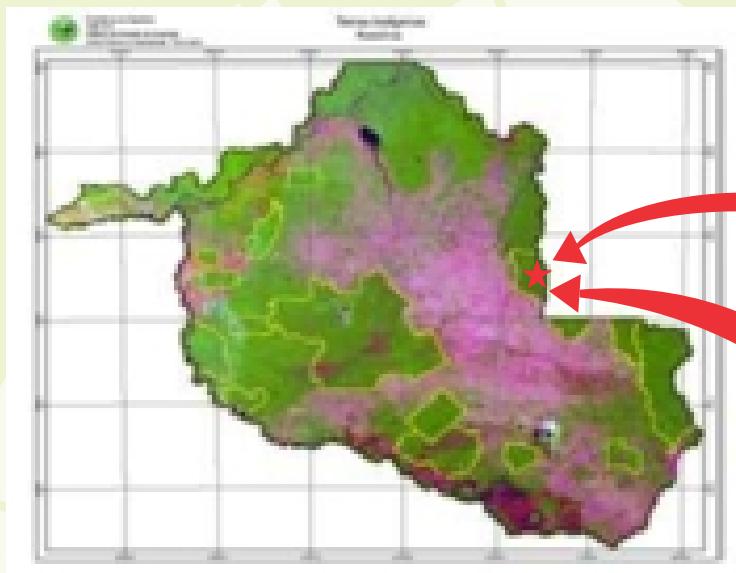
Cultura viva do Povo Ikólóéhj-Gavião

Lá na floresta, ouvem-se gritos de alegria e risadas. Também um barulho de água. São crianças Ikólóéhj-Gavião balançando em um cipó, de um lado para o outro, sobre um igarapé. Às vezes, quando estão no meio do igarapé, soltam-se do cipó e caem na água. Outras vezes, elas brincam no rio, pulando do barranco.

As crianças vão para o rio sempre em grupo. Meninos e meninas passam muito tempo juntos brincando. Desde cedo aprendem a nadar e a pescar.

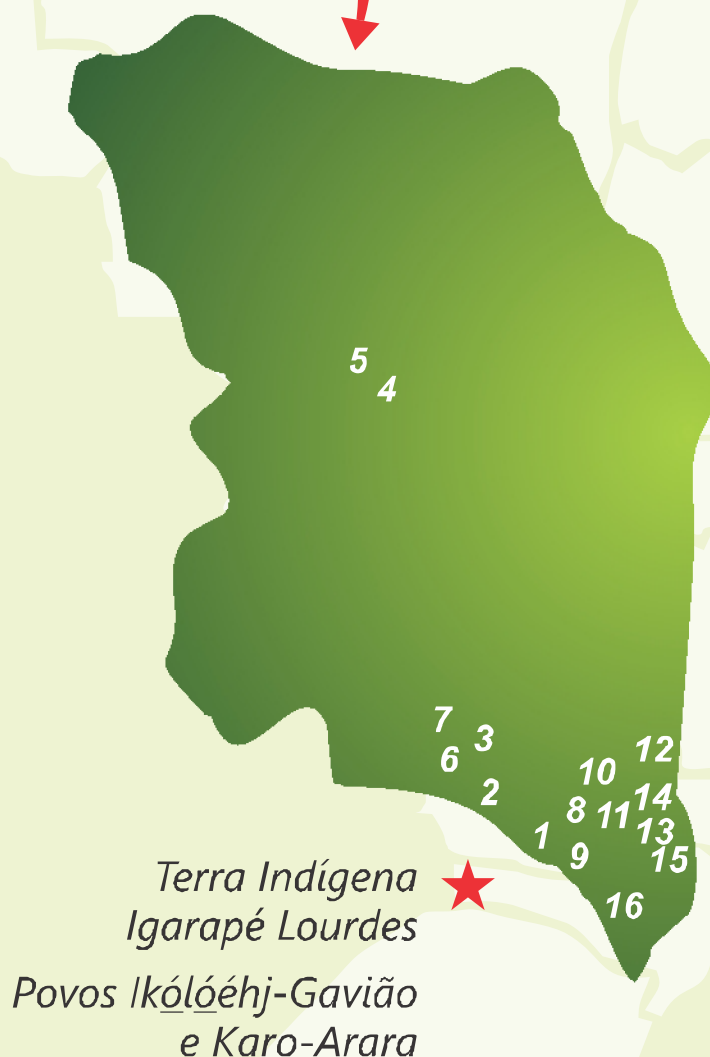
As crianças Ikólóéhj-Gavião vivem com seus familiares e a comunidade na Terra Indígena Igarapé Lourdes, município de Ji-Paraná, estado de Rondônia.

TERRA INDÍGENA IGARAPÉ LOURDES



Aldeias do Povo Ikólóéhj-Gavião

- 1- Ikólóéhj 1
- 2- Ikólóéhj 2
- 3- Cascalho
- 4- Ingazeira
- 5- Igarapé Lourdes
- 6- Nova Esperança
- 7- Cacoal
- 8- Tucumã
- 9- Maloca Grande
- 10- Teleron
- 11- Aldeia Zàpè ádóh
- 12- Enoque
- 13- Castanheira
- 14- José Antonio
- 15- Final de Area
- 16- Sol Nascente



Território e organização do Povo Ikólóéhj-Gavião

O Povo Ikólóéhj-Gavião, tradicionalmente, habitava a região entre o Rio Branco, no Mato Grosso, e a Serra da Providência, divisa entre o Mato Grosso e Rondônia. Hostilizados pela frente colonizadora, a partir da década de 1940, foram se deslocando para a atual Terra Indígena Igarapé Lourdes, município de Ji-Paraná, estado de Rondônia, onde vivem junto com o povo Arara.

O Povo Gavião se autodenomina Ikólóéhj. Sua população é de aproximadamente 700 pessoas, que se organizam em dezesseis aldeias. Cada aldeia tem um líder, mas também há um cacique geral que representa todo o povo.

A cultura do Povo Ikólóéhj-Gavião está muito viva na comunidade. No dia a dia, praticam as atividades tradicionais, e a língua materna é falada por todas as pessoas.

A base da economia do Povo vem da floresta, dos rios, das roças, da confecção e venda do artesanato, da coleta e comercialização de produtos extrativistas, como a castanha do Brasil, o látex, a copaíba, e da venda de produtos agrícolas.

Um dos desafios atuais do Povo é manter a vigilância constante sobre os limites da sua terra para impedir invasões de madeireiros, fazendeiros, caçadores e pescadores.



Aldeia Ikólóéhj

Aprendendo com a família e a comunidade

As crianças aprendem sobre a cultura Ikólóéhj-Gavião observando e participando das atividades que acontecem na aldeia. As crianças acompanham as mães na roça. Brincando, ajudam a plantar e a colher a batata-doce, o inhame, a mandioca, o cará e o milho.

As meninas ficam com as mães enquanto elas preparam os alimentos. As mães dão alimentos para as meninas prepararem nas suas brincadeiras.

Os meninos acompanham os pais nos seus afazeres. Ajudam a preparar a terra para a roça, a pescar e a caçar.

As crianças vivem de forma livre na aldeia, escolhem o que querem fazer e aonde ir, mas a família está atenta e cuida de longe.

Aldeia Ikólóéhj



Aldeia Ikólóéhj



Aldeia Castanheira



Aldeia Ikólóéhj

No desenho, descubra as sete diferenças



Aprendendo com as *peessoas mais idosas*

As pessoas mais idosas são muito respeitadas entre o Povo Ikólóéhj-Gavião. Seus conselhos são ouvidos pela comunidade. Elas também cantam as músicas da tradição e contam histórias para que jovens e crianças não se esqueçam da cultura do povo. Uma dessas histórias é o mito da criação, aqui narrada por Valtorino Vása Séhv Gavião e escrita por Zacarias Kapiaar Gavião.



O mito da criação

“Havia uma grande pedra. Dentro dela fazia muito barulho. Nesse tempo, os animais eram gente. Eles começaram a ficar curiosos com aquilo e tentaram perfurar a pedra. Cada pássaro tentou furar a pedra, mas não conseguiu por ter o bico frágil. Então chegaram aves de bico duro, como mutum, papagaio, periquito, arara e outras com capacidade de furar a pedra. Com muito custo, fizeram um buraco. Quando a pedra foi furada, começou a sair gente. Ao sair, cada grupo falava o nome de sua nação. Por exemplo:

- Eu sou branco! Eu sou Suruí! Eu sou Arara!

E assim todos os seres humanos saíram da pedra, formando seus grupos. Por último, saíram os Ikólóéhj (Gavião). Eles falaram:

- Eu sou Ikólóéhj!

Eles se autodenominam Ikólóéhj. Dentro da pedra havia uma mulher grávida que só deveria sair depois que todos saíssem, mas ela resolveu sair no meio da multidão. Pelo buraco só podia sair uma pessoa de cada vez. Ao sair, ela ficou presa no buraco, tapando-o e impedindo que os demais saíssem. Então o restante do povo Ikólóéhj ficou preso dentro da pedra. Por isso hoje a etnia Gavião é pequena.”

**Lideranças na
cidade de Cuiabá.**

Foto de Zacarias Kapiaar Gavião.



A Escola e a Língua Ikólóéhj-Gavião

Todas as aldeias têm uma escola. A maioria dos professores e professoras são do próprio Povo Ikólóéhj-Gavião. Alguns, do 6º ao 9º ano e do Ensino Médio, não são indígenas. As pessoas mais idosas ajudam na sala de aula, ensinando a cultura Ikólóéhj-Gavião.

A língua materna também está presente na escola. Ela é muito importante para a cultura do povo. É falada por toda a comunidade. O português é usado para se comunicar com outros povos indígenas e com as pessoas não indígenas.

Veja a seguir o texto em português, com tradução na língua Gavião, utilizado nas escolas indígenas.

A PREGUIÇA

A preguiça mora no cipozal.

Ela come frutos das árvores.

Ela também tem preguiça. Ela não anda ligeiro.

Ela só desce para o chão para fazer cocô.

Ela anda devagar. Enquanto anda devagar, o gavião vem, agarra e a come. Ela não foge.

ALÍA PÁNÁE

Alía mága dapókália ká atáá.

È bó mága ihv pábi táhdàhg vaá.

Ènatè alia pájkúhv máгаа.

Áo mága púrúvá avèretáá.

Èna mán ká ikóló máavolo vaá.

Áo mága apalidjáláá.



Este texto foi retirado do livro *PÒPAGÉHJ TÁ MÉNE PÁNÁE SEV*, elaborado por crianças de uma escola Gavião.

Descubra o título do livro, pintando apenas as letras que estão dentro dos círculos e formando palavras.

A B D E I **C** **B** **F** H **N** P M **T** Y L O **A** R E S **N** H **D** I R **O** W

A W **V** X T B **I** U K Ç **D** Z **A** Z

D V **O** S **S** O **A** Y **N** N I A **M** C **A** G I T **S**



Aldeia Ikólóéhj

A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA

A música tem um lugar muito importante no modo de ser, de viver e de se comunicar do Povo Ikólóéhj-Gavião. A musicalidade está presente na língua, nos assovios com os quais se comunicam no dia a dia e nos instrumentos musicais, na vida da aldeia, entre outros. São ótimos compositores e têm inúmeras letras de cantos que falam das festas, de fatos importantes e do cotidiano.

Cantos

Cada canto tem um significado. Ele pode falar sobre a caça, a espiritualidade ou a vida na aldeia. Alguns podem ser feitos na hora, de improviso, em ocasiões de festa. Há um canto dos guerreiros, *Itipev aka tómáhá*, que conta a história do contato do Povo Ikólóéhj-Gavião com outros povos. As pessoas idosas possuem maior conhecimento sobre os cantos.

Veja a seguir alguns instrumentos musicais utilizados pelo Povo Ikólóéhj-Gavião:

Arquinhos, chocalhos e vários tipos de flautas.

O *totoráv* é um instrumento musical formado por três flautas feitas de taboca e utilizado nas festas. Três pessoas tocam os *totoráv* ao mesmo tempo. Ao tocar, é como se estivessem cantando uma música em trio, uma pessoa respondendo à outra através do instrumento. Os *totoráv* são tocados pelos homens. Conforme eles tocam, as pessoas dançam ao redor.





Decifre a frase, observando as letras correspondentes aos números.

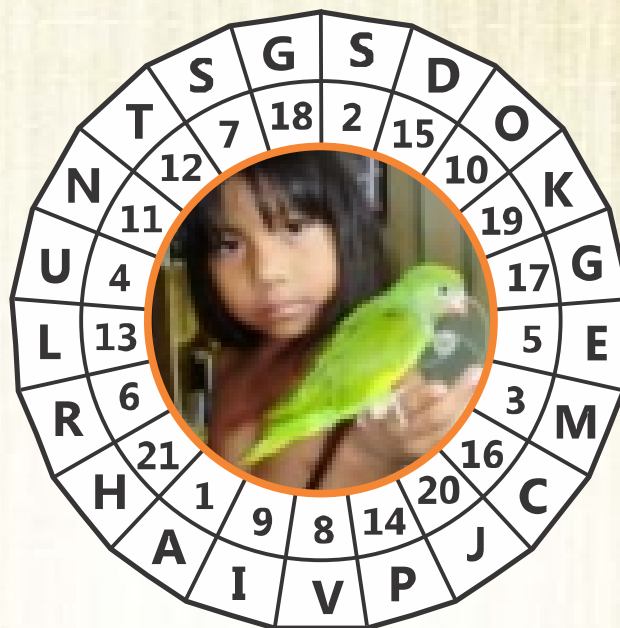


Foto: Aldeia Ikólóéhj

1	3 4 2 9 16 1	12 5 3	4 3	13 4 17 1 6
9 3 14 10 6 12 1 11 12 5	11 10	3 10 15 10	15 5	
7 5 6	5	15 5	8 9 8 5 6	15 10
		,	,	,
14 10 8 10	9 19 10 13 10 5 21 20	17 1 8 9 1 10		

Arte Ikólóéhj-Gavião: mãos em ação

O artesanato é uma atividade que faz parte da forma de ser do Povo Ikólóéhj-Gavião. Ele está cheio de significados e é feito com muito prazer. Cada peça de arte tem técnicas próprias e expressa a cultura, a origem e a linguagem do povo. Atualmente, esta atividade também traz sustento para a comunidade a partir da comercialização de brincos, colares, anéis, cestos, braceletes, pulseiras, cocares, paneiros, peneiras, arcos e flechas, entre outros objetos.

O artesanato é feito por muitas mãos. Homens e mulheres partilham as atividades e as ensinam para as crianças. No caso do paneiro, por exemplo, as mulheres confeccionam o cesto e os homens participam coletando a palha do babaçu do qual é feito.

Paneiros

Os paneiros são usados para guardar os objetos da casa, para transportar produtos retirados da floresta e da roça, bem como nas caçadas e pescarias. Eles são feitos de palha de babaçu. Roberto Sorobáh Gavião transcreve aqui a narrativa de Berenice Beréka Gavião: “As palheiras de babaçu são plantas nativas. As suas palhas têm grande importância para o povo e utilidade nas diversas confecções de artesanato, entre elas, o paneiro”.



Aldeia Castanheira



Aldeia Ikólóéhj

Panelas de barro

A arte com barro é feita pelas mulheres. Somente elas sabem fazer as panelas e os pratos. Trata-se de um barro especial, chamado *bosav tága*, que não se encontra em qualquer lugar.



Aldeia Ikólóéhj

Flechas

As flechas têm grande importância para o Povo Ikólóéhj-Gavião, porque são utilizadas em festas, assim como para caçar e pescar. Os ensinamentos de como fazê-las são repassados de pai para filho. Elas são feitas de bambuzinho, e há diversos tipos: *ihvdòhr* serve para caçar, *djàvpikàlì* serve para pescar, *mabixà* serve para caçar aves pequenas e a flecha *bebe kor sév* é usada nos momentos de festas.



Aldeia Cacoal



Aldeia Cacoal



No caça-palavras descubra o nome de dez materiais confeccionados pelo povo Ikólóéhj-Gavião.

C	I	X	O	S	H	E	T	C	O	C	A	R	L
I	Q	B	R	I	N	C	O	J	X	B	U	P	A
P	O	R	B	A	C	E	R	A	O	A	N	E	L
U	B	A	E	C	O	S	D	Y	U	G	A	O	N
L	A	C	L	E	D	T	A	X	B	H	E	L	I
S	O	E	Y	I	C	O	L	A	R	I	D	U	P
E	U	L	P	A	L	E	Q	U	G	A	E	T	U
I	P	E	D	P	A	P	E	N	E	I	R	A	J
R	O	T	C	I	V	H	A	V	B	O	E	R	B
A	J	E	X	O	F	L	E	C	H	A	G	C	O
O	R	C	P	A	L	E	D	Y	U	G	A	O	Q

Enfeites que trazem beleza e alegria

Cocar

Os homens confeccionam e usam os cocares. São feitos de palha de babaçu, fios de algodão e penas de diversos pássaros. São bem coloridos. O cocar mais bonito é o de "gavião real", que tem uma pena diferenciada, especial.



Aldeia Ikólóéhj

O cocar é utilizado em reuniões, manifestações políticas e principalmente em festas.

Pinturas corporais

A pintura de urucum e jenipapo faz parte do dia a dia do Povo Ikólóéhj-Gavião, mas destaca-se nas festas, quando todos se pintam. Especialmente as pessoas



mais jovens gostam muito de se enfeitar com a pintura. Os homens fazem as pinturas nos homens e as mulheres nas mulheres. Ela pode ter diversos significados, principalmente ligados a representações de animais. A pintura de cor preta é feita do fruto ainda verde do jenipapo, que é uma árvore da floresta. Para a pintura corporal vermelha, usa-se a semente de urucum.

As festas

As festas são importantes momentos de encontro da comunidade. Elas fortalecem e mantêm a cultura viva. Uma das mais significativas é a **Festa do Gov Akae**. Matilde Gavião conta como é esta festa:

Festa do Gov Akae

“Trata-se de uma festa do animal de criação. Normalmente é porco do mato, mas pode ser outro animal, que é criado pelo dono desde pequeno e no dia da festa servido para as pessoas convidadas.

Esta festa é feita quando o dono do animal de criação resolve matá-lo. Aí sua mulher convida as outras para irem ao seu roçado buscar inhame, cará, mandioca e milho, a fim de fazer o *Ì Sòn* (bebida fermentada).

Quando chega a época da festa, o dono do animal faz os convites. Os convidados dizem qual parte do animal eles querem comer. Essa parte será reservada para o convidado, que deverá trazer presentes: arco, flechas, pulseiras, anéis.

Nas festas há muita música, com flautas e cantos. E todos participam: crianças, jovens e adultos.”



O Povo Ikólóéhj-Gavião



Fotos Aldeia Ikólóéhj

Nossa terra, memória viva

“Como vou ensinar, contar a história do meu povo para meus filhos e netos, sem ter o território onde ocorreram os fatos? Sem território a história não tem sentido” (Heliton Gavião).

Na época da demarcação da Terra Indígena Igarapé Lourdes, parte significativa do território tradicional do Povo Ikólóéhj-Gavião ficou fora da área demarcada. Por volta de 1940, expansões coloniais vinham de todos os lados e o Povo Ikólóéhj-Gavião ficou sem saída, tendo que procurar novos espaços para habitar. Desta forma se estabeleceram na Terra Igarapé Lourdes, em Ji-Paraná, no estado de Rondônia, onde compartilham o território com o Povo Arara.

As pessoas mais idosas do povo ainda lembram com nitidez e saudade que havia muita abundância nas terras tradicionais. Iran Gavião afirma: “Lá onde nós habitávamos, a floresta era boa, havia caça abundante e fartura de peixe, assim relatam os velhos. Hoje as lideranças do povo lutam pelo resgate desse território, patrimônio milenar e histórico do Povo Ikólóéhj-Gavião, pois lá estão a nossa marca, nossos vestígios, nossas histórias, comprovando que aquela terra é nossa, que é terra que continua viva em nossa memória”.

O Povo Ikólóéhj-Gavião sabe que, hoje, estas terras tradicionais estão devastadas e transformadas em pastagens, na mão de fazendeiros. Mesmo assim, continuam firmes na luta pela sua recuperação e demarcação.



Aldeia Ikólóéhj

A Terra Indígena Igarapé Lourdes

Em razão da união, luta e resistência dos Povos Ikólóéhj-Gavião e Arara, a Terra Indígena Igarapé Lourdes foi demarcada em 1977 e homologada em 1983. Nesse território vivem cerca de 1.100 pessoas, das quais cerca de 700 pertencem ao Povo Ikólóéhj-Gavião.

Sustentabilidade do Povo Ikólóéhj-Gavião

A economia tradicional e ainda praticada pelo Povo Ikólóéhj-Gavião associa a coleta, a caça, a pesca e o plantio de roçados. A relação da comunidade com a natureza acontece de forma respeitosa e envolve a dimensão espiritual e mitológica. Todos os alimentos significativos para o povo, como o milho, por exemplo, estão envoltos e associados a algum mito, que é contado e recontado para jovens e crianças, a fim de que não esqueçam os saberes ancestrais. (Leia o mito no site do COMIN.) Além disso, as atividades tradicionais ligadas à terra são consideradas sagradas. Assim se expressou um morador da Aldeia Ikólóéhj: “A roça para nós é sagrada” e explicou que, por isso, nunca deixarão de praticar esta atividade tradicional!

As roças se constituem do plantio de milho mole (*ma'eg tere*), mandioca (*xíbòjà*), batata-doce (*vitígà*), cará (*mojà*). A proteína animal é garantida pela caça e pesca. Somente os meses de seca (agosto a outubro) são reservados para a pesca com o timbó. Esta pesca utiliza um cipó com substâncias tais que, ao ser batido na água, deixa os peixes dormentes. Assim fica fácil capturá-los. Na época das chuvas, reserva-se o tempo para a coleta de frutos, como a pama e a castanha.



Castanha e sustentabilidade

A castanha do Brasil ou a *mavgáhv*, como o Povo Ikólóéhj-Gavião a chama, faz parte dos hábitos alimentares de muitos povos indígenas. Cada povo tem a sua própria maneira de preparar sua alimentação com a castanha. Além de ser importante alimento, há um grande respeito pelo ser espiritual dono desse recurso natural, que se chama *Gorá*, pois, para os Ikólóéhj, tudo aquilo que existe na natureza tem dono.

Com o contato veio então outra perspectiva de vida, novas necessidades foram surgindo e, para atendê-las, os Ikólóéhj passaram a comercializar a castanha. Inicialmente, este comércio era realizado através de atravessadores, mas geralmente o preço pago não era justo, pois os atravessadores pagavam pouca coisa em troca da produção.

Preocupado com essa situação, o Povo Ikólóéhj-Gavião criou a Associação Indígena Zavidjaj Djiguhr (ASSIZA) para intermediar essa atividade de comércio. A ASSIZA iniciou suas atividades buscando parcerias para implementar um comércio mais justo. Atualmente, a principal parceira é a entidade Pacto das Águas. Ela veio somar-se à luta do Povo Ikólóéhj-Gavião pelo fortalecimento da cadeia produtiva da castanha e também da borracha. Através dessa parceria, a ASSIZA conseguiu acessar recursos da CONAB (Companhia Nacional de Abastecimento) para comercializar a castanha da Terra Indígena em condições mais vantajosas para a comunidade, livrando-se do atravessador.

A coleta da castanha é, atualmente, a principal fonte de renda acessível a todas as famílias da aldeia. Homens, mulheres, jovens e crianças participam. As famílias acampam durante os meses de novembro e dezembro no interior da floresta, distante das aldeias de origem, para coletar castanha. Mas não só! Para os jovens e crianças, estes são momentos preciosos de aprendizagem. Os mais velhos repassam seus conhecimentos e sua sabedoria. Andar na mata, conhecer as plantas, retirar fibra, reconhecer e retirar copaíba, caçar, construir tapiris, pescar com gongo, usar e tecer a palha do babaçu, tirar mel, moquear caça, cantar, ouvir histórias são importantes conhecimentos repassados durante a coleta da castanha.

Além disso, todo o processo da coleta da castanha, que envolve várias fases, inclusive a compra dos bens advindos de sua comercialização, aponta que essa atividade é também um instrumento de complementaridade de habilidades entre homens e mulheres Ikólóéhj-Gavião.

Muitas mulheres, ao coletar castanha junto com seus maridos, ou, em alguns casos, sozinhas, adquirem renda própria, que é utilizada para comprar os bens de consumo que facilitam sua vida e de toda a família: roupas, móveis, fogões, máquinas de lavar, entre outros. E os homens compram munição, armas, ferramentas de trabalho na roça, etc. A relação de autonomia e complementaridade entre homens e mulheres Ikólóéhj-Gavião está presente em todos os momentos de suas vidas.

Das atividades produtivas implantadas junto aos Ikólóéhj-Gavião, a castanha é a que tem se mostrado mais adequada para atender as demandas da comunidade, ao mesmo tempo em que respeita os traços culturais e valoriza aspectos do estilo de vida tradicional.



Como trabalhar com o caderno e o cartaz

Trabalhar de forma didática e contextualizada com o material da Semana dos Povos Indígenas é um aspecto importante. Por isso, as orientações que seguem querem contribuir no preparo das aulas.

O caderno pode ser estudado individualmente ou em grupo. Durante a leitura, crianças e jovens são estimulados a pensar sobre a forma de viver de um povo indígena e identificar aspectos importantes do Povo Ikólóéhj-Gavião.

A tarefa da pessoa que orienta os trabalhos será a de animar e facilitar descobertas, criar condições para que crianças e jovens vivenciem e compartilhem suas experiências e conhecimentos sobre os povos indígenas, sempre relacionando-os com a sua própria história de vida e a da sua comunidade.

Na orientação de um estudo em grupo, é importante:

a) Preparar o estudo, lendo todo o caderno, mesmo que o encontro seja somente com crianças. No site do COMIN há informações adicionais sobre o tema.

b) Planejar o encontro. É necessário pensar como serão a abertura, a motivação para introduzir o tema, as atividades a serem realizadas e o encerramento.

c) Criar um espaço de participação para que crianças e jovens formulem suas perguntas e pesquisem possíveis respostas.

d) Adaptar as atividades e o próprio texto. O caderno apresenta um povo indígena com suas especificidades culturais. Neste sentido é bom proporcionar reflexões para perceber diferenças com os povos indígenas que vivem na sua região.

e) Buscar informações adicionais ou procurar contato com pessoas ou instituições envolvidas na luta dos povos indígenas. Incentivar a pesquisa. Através da internet é possível encontrar informações sobre diferentes povos indígenas do Brasil e do mundo. Há várias pesquisas já realizadas sobre o Povo Ikólóéhj-Gavião, que podem auxiliar no estudo.

f) Verificar a possibilidade de visitar uma comunidade indígena de sua região ou trazer um grupo de indígenas para uma conversa com crianças e jovens.

g) Avaliar com o grupo as atividades e reflexões realizadas, para juntos planejarem o assunto e o próximo encontro.

Além do caderno, também há o cartaz como recurso pedagógico. Pode-se fazer a interpretação do cartaz, identificando aspectos da cultura Ikólóéhj-Gavião, ou apontar características relacionadas ou diferenciadas da forma de viver das crianças e jovens. Além disso, pode-se utilizá-lo para: a) introduzir o assunto; b) crianças e jovens representarem as cenas mostradas; c) montar um quebra-cabeça.

O caderno e o cartaz são dois subsídios organizados com a finalidade de contar e trazer informações sobre povos indígenas que vivem em território brasileiro. Assim, são uma oportunidade para refletir sobre a história e a cultura Ikólóéhj-Gavião.



Para saber mais

Pesquisa na internet

www.comin.org.br

Caderno para a sala de aula, textos, mitos, fotos, desenhos, histórias e bibliografia

www.cimi.org.br

O CIMI disponibiliza informações e posicionamentos frente à política indigenista do governo

www.socioambiental.org.br

O ISA disponibiliza informações e indicações de literatura sobre povos indígenas

LIVROS

CETEC. *Contando a vida dos animais*.
Ji-Paraná: Emater-RO, 2008.

MINDLIN, Betty. *Couro dos espíritos*.
São Paulo: SENAC; Terceiro Nome, 2001.

BLOG

blog da Organização Padereehj

padereehj.blogspot.br

VÍDEOS

A década da destruição (Na Trilha dos Uru Eu Wau Wau). Adrian Cowell. In:

www.youtube.com/watch?v=dzmj5u0IRj8

Corumbiara. Vicent Carelli. Vídeo nas aldeias. In:

www.videonasaldeias.org.br/2009/video.php?c=87



Vídeo nas Aldeias com cineastas indígenas.

www.videonasaldeias.org.br



Respostas



Atividade página 8



Atividade página 12

CONTANDO A VIDA DOS ANIMAIS

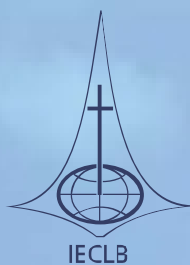
Atividade página 14

A MÚSICA TEM UM LUGAR IMPORTANTE NO MODO DE SER, DE VIVER E DE SE COMUNICAR DO POVO IKÓLÓÉHJ-GAVIÃO.

Atividade página 17

C	I	X	O	S	H	E	T	C	O	C	A	R	L
I	Q	B	R	I	N	C	O	J	X	B	U	P	A
P	O	R	B	A	C	E	R	A	O	A	N	E	L
U	B	A	E	C	O	S	D	Y	U	G	A	O	N
L	A	C	L	E	D	T	A	X	B	H	E	L	I
S	O	E	Y	I	C	O	L	A	R	I	D	U	P
E	U	L	P	A	L	E	Q	U	G	A	E	T	U
I	P	E	D	P	A	P	E	N	E	I	R	A	J
R	O	T	C	I	V	H	A	V	B	O	E	R	B
A	J	E	X	O	F	L	E	C	H	A	G	C	O
O	R	C	P	A	L	E	D	Y	U	G	A	O	Q

COLAR - PULSEIRA - BRINCO - ANEL - BRACELETE
CESTO - PENEIRA - COCAR - ARCO - FLECHA



COMIN



ISAEC - DAI - COMIN

São Leopoldo/RS • Fone/Fax: 51. 3590.1440

Caixa Postal 14 • CEP: 93001-970

cominsecretaria@est.edu.br • www.comin.org.br

